

O diálogo do corpo *queer* latino com o corpo kafkiano¹

El diálogo entre el cuerpo latino queer y el cuerpo kafkiano

The dialogue between the queer Latin body and Kafkaesque body

Vinícius Gonçalves dos Santos²

Dr. Edgar Cezar Nolasco³

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo ler a obra *A metamorfose* relacionando-a com os viajantes pós-modernos com base na crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO). Buscamos estabelecer o diálogo entre o corpo kafkiano presente na novela de Franz Kafka e o corpo *queer* latino. Para balizar nossa leitura, nos apropriamos da crítica biográfica fronteiriça de Edgar Cezar Nolasco, o conceito de exterioridade presente em Juliano Garcia Pessanha e a teoria *queer* de Guacira Lopes Louro. Por meio de nosso trabalho, abre-se uma nova perspectiva de leitura sobre a obra de Franz Kafka e, também, sobre o corpo *queer* latino.

Palavras-Chave: *A metamorfose*, Crítica Biográfica Fronteiriça, Descolonialidade, Exterioridade, Kafkiano.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo la lectura de la obra *La metamorfosis* relativa a los viajeros posmodernos a partir de la crítica biográfica de la frontera (NOLASCO). Buscamos establecer un diálogo entre el cuerpo kafkiano presente en la novela de Franz Kafka y el cuerpo *queer* latino. Para orientar nuestra lectura, nos apropiamos de la crítica biográfica de frontera de Edgar Cezar Nolasco, el concepto de exterioridad presente en Juliano García Pessanha y la teoría *queer* de Guacira Lopes Louro. A través de nuestro trabajo, se abre una nueva perspectiva de lectura sobre la obra de Franz Kafka y, también, sobre el cuerpo *queer* latino.

Palabras claves: *La metamorfosis*, frontera biográfica crítica, descolonialidad, exterioridad, kafkiano.

Abstract

The present work aims to read the work *The metamorphosis* relating it to postmodern travelers based on the biographical criticism of the border (NOLASCO). We seek to establish a dialogue between the Kafkaesque body present in Franz Kafka's novel and the Latin *queer* body. To guide our reading, we appropriated Edgar Cezar Nolasco's biographical frontier criticism, the concept of exteriority present in Juliano Garcia Pessanha and the

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² Graduando em Letras Português / Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, NECC - Núcleo de Estudos Culturais Comparados; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; viniciusgs16@gmail.com

³ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Projeto “Paisagens transculturais na fronteira sem lei”, NECC - Núcleo de Estudos Culturais Comparados; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br

queer theory of Guacira Lopes Louro. Through our work, a new perspective of reading opens up about the work of Franz Kafka and, also, about the Latin queer body.

Key words: A metamorphosis, *Crítica Biográfica Fronteiriça*, Decoloniality, Exteriority, Kafkaesque.

1. Introdução

- O que aconteceu comigo? – pensou. (KAFKA, 1997, s/p)

A metamorfose de Franz Kafka inicia-se com a transformação de Gregor Samsa em um corpo diferente, o texto se inicia com a personagem já transformada, a primeira manifestação de fala da protagonista é em pensamento, “O que aconteceu comigo?”, este questionamento é o que dá a tônica deste artigo, aqui nos propomos à ler o diálogo entre o corpo kafkiano e o corpo *queer* latino, para que se estabeleça este diálogo é importante levantar a questão “O que aconteceu comigo?”.

Quando escrevemos “corpo kafkiano” é necessário ressaltar que tratamos do corpo kafkiano com base na leitura de *A metamorfose*. Deste modo, não tratamos de todos os corpos kafkianos, a princípio lemos apenas o corpo presente em *A metamorfose*, e por meio dele, estabelecemos o diálogo entre este corpo e o corpo *queer* latino.

Para pensar este diálogo é necessário pontuar que tomamos por base os preceitos da crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2019), exterioridade (PESSANHA, 2018) e corpo estranho (LOURO, 2016). Pensamos o corpo kafkiano e o corpo *queer* latino a partir do Fora (PESSANHA, 2018)

Exclusão e Fora dizem respeito a uma posição na qual não se atinge intimidade com o mundo, nem consigo mesmo. As obras de Kafka e Blanchot são paradigmáticas dessa posição instável, e quem a celebra tem dificuldade de explicitar posições mais estáveis no interior de mundos instituídos. A escrita que se amiga do Fora dignifica o abismo, o self negativo e a incandescência da palavra poética, e não consegue pensar o sossego e a comodidade de quem chegou a si e ao mundo. (PESSANHA, 2018, p. 11)

Ambos os corpos estão situados em uma posição desconfortável, eles estão postos à margem do centro. Buscamos aqui neste artigo apresentar de que maneira estes corpos estão posicionados no mundo e como eles dialogam. Nos propomos a falar com base na crítica biográfica fronteiriça, deste modo

Nesse sentido, não basta empregar conceitos advindos de teorização fronteiriça, ou mesmo nomes e sobrenomes de pensadores desse pensamento, entendendo que, agindo assim, estaria pensando descolonialmente. Nada disso. É, mais do que preciso, é necessário a inscrição do corpo e do compromisso teórico, político mesmo desse

pesquisador. E tal presença se daria por meio da inscrição de seu bios e de seu lócus ancorando seu lócus enunciativo, mais sua consciência fronteiriça, ou condição mesma de pensar. (NOLASCO, 2019, p. 3).

Portanto, deve-se levar em conta o posicionamento, tanto histórico quanto geográfico dos pesquisadores, para que se possa abrir esta nova possibilidade de leitura crítica de Kafka. A principal divisão que separa autor (Franz Kafka) dos pesquisadores (Edgar e Vinícius) é a virada do século, conforme Nolasco (2012), a virada do século permitiu que a crítica subalterna tivesse mais voz presente. Ler *A metamorfose* como uma metáfora para o corpo *queer* passa a ser possível graças as novas epistemologias surgidas da fronteira. Deste modo, para que se fale deste corpo descolonial, é preciso que esteja demarcado o local em que este discurso está se erigindo.

2. O corpo queer latino em oposição ao corpo hegemônico

Deste modo, a única forma de pensar esses corpos da exterioridade (ou exteriorizados pelos padrões que internalizam poucos), para além de corpos padronizados pelo sistema cartesiano, é evidenciá-los por uma ótica da sua própria cosmovisão de corpo-no-mundo. Uma visão que considera, prioritariamente, a forma como seu corpo se constitui/consolida, aprende/apreende, é, sabe, sente e faz em relação com sua própria natureza de sujeito-mundo. Distante, obviamente, da ideia de sujeito alheio do ou que domina o mudo. (NOLASCO, 2019, s/p)

Conforme a epígrafe, a única forma de pensar os corpos da exterioridade seria por meio de sua própria cosmovisão de corpo-no-mundo. Portanto, para que se tenha um trabalho que pense estes corpos da exterioridade, nos propomos a ler o *biolócus* deste corpo *queer*.

Voltemos a pergunta que abre este artigo "o que aconteceu comigo?". No início de *A metamorfose*, temos o *deslucamento* (ANDERS, 1969) da personagem que era um humano e é metamorfoseado em um inseto monstruoso. Após a breve percepção de seu novo corpo, surge a questão. O que aconteceu com Gregor Samsa, conforme nossa leitura, foi uma viagem, seu corpo viaja de humano para inseto.

Guacira Lopes Louro (2020) escreve sobre os viajantes pós-modernos, estes são sujeitos que transitam entre lugares, estes que se enquadram como nômades, ou seja, sem um lugar fixo, um corpo que não tem um destino, esta é uma viagem que não tem um final, o que importa nela é o trajeto.

Para que possa desenvolver a lógico que pretendo, é preciso, no entanto, abandonar qualquer pressuposto de um sujeito unificado que vá se desenvolvendo de modo linear

e progressivo, na medida em que, pouco a pouco, em etapas sucessivas, supera obstáculos, interioriza conhecimentos e entra em contato com pessoas ou leituras. (LOURO, 2020, p. 12-13)

Deste modo, para que possamos entender a viagem em que Gregor Samsa realiza, precisamos entender o que é esta viagem. Louro (2020) escreve sobre sexualidade, a viagem que ele escreve diz respeito ao deslizamento que as pessoas fazem com relação à orientação e, até mesmo, ao gênero. Líamos *A metamorfose* como uma metáfora do “sair do armário”, mas ela não se trata só deste momento, podemos ver neste trabalho que a metáfora se expande, não mais apenas sobre o momento de “sair do armário”, mas também sobre as viagens que o corpo faz, o corpo kafkiano e o corpo *queer* latino.

Louro (2020) escreve que na pós-modernidade há uma necessidade de se pensar de maneira mais plural e, até mesmo, confusa, afinal, este sujeito viajante é plural e confuso, fragmentado, deste modo, o corpo kafkiano ao sofrer a metamorfose fragmenta-se, isso se já não era antes um sujeito fragmentado, não mais se conhece como humano, mas também não se reconhece como inseto, ou seja, um sujeito confuso. Mas não se deve entender esta confusão como algo pejorativo, mas como algo que está inerente ao sujeito pós-moderno.

A viagem que estes corpos realizam são destituídas de um destino, o que realmente importa nestas viagens é o andar, Louro (2020) escreve que “Não há um lugar de chegar, não há um destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto. [...] os sujeitos podem até voltar ao ponto de partida, mas não são, em alguma medida “outros” sujeitos, tocados que foram pela viagem.” (p. 13). Vemos em *A metamorfose*, uma viagem sem retorno ao ponto de partida, o deslucamento que Gregor Samsa realiza, e neste momento estou falando apenas da viagem de Samsa, é sem retorno, acompanhamos na obra os resultados desse deslizamento, caso Gregor Samsa voltasse ao início de sua viagem, ainda assim não seria o mesmo, seu direito de ser humano foi destituído ao fazer o deslucamento.

Os corpos *queer* latino também realizam esta viagem, assim como Gregor Samsa, estes sujeitos ao realizarem suas viagens perdem o direito à humanidade. As transformações decorrentes da viagem não afetam somente na epiderme, mas altera as percepções, os sentidos e a forma de ver o mundo.

As mudanças da viagem podem afetar copos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até mesmo antes dele). [...] A declaração “É uma menina!” ou “É um menino!” também começa uma espécie

de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir determinado rumo ou direção! (LOURO, 2020, p. 15)

Desde antes do nascimento é posta uma programação de gênero nos corpos, este gênero demanda uma ordem de comportamentos a serem seguidos, deste modo, os sujeitos não podem realizar viagens que ousem atravessar ou alterar a premissa de seu gênero. Conforme Louro (2020) escreve, o sujeito passa a ter um compromisso com essa premissa. Os corpos *queer* latino quebram com esta premissa, estes são corpos que precisam descolonizar-se das premissas que seu gênero, ou o gênero que lhe foi atribuído, demanda. Gregor Samsa quebra com a premissa de ser humano e, devido à esta quebra, não só é exteriorizado como sofre das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou punição. (LOURO, 2020, p. 15-16)

Ao falarmos deste viajante pós-moderno, pode-se pressupor que todos os sujeitos são postos em viagem por livre e espontânea vontade, entretanto, conforme Louro (2020) escreve, há sujeitos que são postos à viagem, estes são “empurrados” para a viagem.

Os sujeitos que cruzam as fronteiras de gênero e de sexualidade talvez não “escolham” livremente essa travessia, podem se ver movidos para tal por muitas razões, podem atribuir a esse deslocamento distintos significados. Podem, tal como quaisquer outros viajantes, ver sua travessia restringida, repudiada ou ampliada por suas marcas de classe, de raça ou por outras circunstâncias de sua existência. (LOURO, 2020, p. 18)

Gregor Samsa é “empurrado” para sua viagem, o mesmo acorda e percebe que já passou por seu deslocamento, “o que aconteceu comigo?”, ele não teve ciência de como, ou o porquê, sua viagem aconteceu. Ele atribui ao cansaço àquele sonho esquisito. Gregor Samsa pensa “O ser humano precisa ter seu sono.” (KAFKA, 1997, p. 9), entretanto, ele não consegue voltar a dormir, ao menos neste momento, pois ali ele já não era mais humano.

Ao trazer o corpo kafkiano para a América Latina, para o diálogo proposto neste trabalho, levanta-se a questão: Como o um corpo vindo do centro do mundo se relaciona com os corpos da beirada do mundo, especificamente com os corpos *queer*? Considerando apenas os aspectos ficcionais da obra, não teríamos um local preciso de onde a história se passa, entretanto, levantando os aspectos biogeográficos da obra e autor, vemos que a história se situa em um ambiente familiar ao autor, ou seja, o continente europeu.

Entretanto, o corpo kafkiano, presente em *A metamorfose*, é um corpo que se destoa, e é destoado, do corpo europeu / hegemônico. O destoar da hegemonia traçamos um primeiro elo entre o corpo *queer* latino e o corpo kafkiano. Conforme trabalhado no texto “A metamorfose do corpo homossexual ao ‘sair do armário’”, prosseguimos com a leitura de *A metamorfose*

como uma metáfora para o “sair do armário”, termo usado para tratar de sujeitos *queers* que trazem sua sexualidade à luz do dia.

Existe na arte, na cultura, na economia, na política e na educação brasileiras um modelo de corpo perfeito que também (es)barram corpos outros! E essa noção de corpo perfeito nas diferentes instâncias está assentada no cogito cartesiano “penso, logo existo”! Portanto, um modelo de corpo Moderno que desassociou a razão e emoção. (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 6)

O corpo que aparece em *A metamorfose*, o corpo outro, ou então, o corpo estranho, está em dissonância com o cogito cartesiano. Na obra, o corpo se torna dissonante, há um breve histórico sobre aquele corpo, que até a noite anterior era um corpo semelhante, em aspectos de hegemonia, entretanto, a partir do momento em que se nota a quebra, inicia-se a tentativa de “educação”, poderíamos até dizer “civilização”, daquele corpo. Na obra em questão, esta “educação” vem por meio do confinamento, no controlar do “ir e vir”.

Ao pai, naturalmente, na sua condição atual, não ocorreu nem mesmo remotamente abrir a outra folha da porta, para oferecer a Gregor passagem suficiente. Sua ideia fixa era simplesmente que Gregor voltasse o mais rápido possível para o quarto. [...] o pai desferiu, por trás, um golpe agora de fato possante e liberador e ele voou, sangrando violentamente bem para dentro do seu quarto. A porta foi fechada ainda com a bengala, depois houve por fim silêncio. (KAFKA, 1997, p. 30-31)

Em *A metamorfose*, o pai age como a figura “educadora” que busca censurar a viagem do filho, o mecanismo do qual ele se utiliza para a censura é a violência. O pai, figura que se posiciona no Centro, expelle o filho para a Margem, a partir do momento em que o corpo outro é detectado, o corpo que ousou viajar. A violência como pedagogia para os corpos *queer* latinos é facilmente vista, em menos de cinco minutos consegue-se localizar uma violência sofrida por um *queer* latino. Conforme reportagem do Carta Capital, “Um LGBT é agredido no Brasil a cada hora, revelam dados do SUS”, podemos ver que os corpos *queer* latinos possuem uma constante vigilância de agentes reguladores que se colocam no papel de figura “educadora” que utiliza da violência como pedagogia.

No início do segundo capítulo de *A metamorfose*, temos o momento em que a irmã de Gregor lhe entrega uma refeição, uma tigela de leite, item que antigamente Gregor adorava, entretanto, após a metamorfose, a tigela de leite passa a ser intragável. Ao retornar, a irmã nota que Gregor não comeu, ela retira a tigela “[...] não com as mãos nuas, mas com um trapo [...]” (KAFKA, 1997, p. 37), nota-se aqui a patologização do corpo de Gregor Samsa. A patologização de Gregor Samsa se torna ainda mais evidente no trecho a seguir:

Em meio a pequenos acessos de asfixia, ficou observando, com os olhos um tanto fora das órbitas, a irmã, que não suspeitava de nada, juntar com uma vassoura não só os restos, mas também os alimentos que não tinham sido tocados por Gregor – como se estes também não pudessem mais ser aproveitados -, despejar tudo às pressas num balde, que ela fechou com uma tampa de madeira e depois carregou para fora. (KAFKA, 1997, p. 38)

A patologização do corpo kafkiano é mais um dos elos que dialogam com o corpo *queer* latino. 30 anos atrás, ser um sujeito *queer* era considerado ser uma pessoa doente, segundo a OMS, entretanto, no dia 17 de março de 1990 a OMS retira o sufixo “-ismo” que anteriormente associava pessoas *queer* a doenças psicológicas. Mas ainda hoje encontra-se clínicas clandestinas de “cura gay”, o que mostra que ainda hoje os corpos hegemônicos patologizam os corpos outros.

3. Conclusões

Buscamos neste trabalho apresentar nossa leitura sobre a obra *A metamorfose* e como o corpo presente na novela dialoga com o corpo *queer* latino, ambos lidos pela metáfora do viajante pós-moderno com base na crítica biográfica fronteiriça. Nosso *bios* se manifestou por meio das notícias de jornais presentes em nosso trabalho, parte documental de nosso *bios*. Através das nossas vivências latinas, das constantes e frequentes notícias de jornais que relatam as violências sofridas pelos sujeitos da margem, da violência pedagógica sofrida contra os que destoam da hegemonia, podemos manifestar nossa leitura sobre *A metamorfose*, retirar o termo kafkiano do centro do mundo, do alto escalão da crítica e trazê-lo para o mundo dos subalternos, local em que ele se iguala e dialoga em tons parecidos à latinidade. Por fim, podemos responder ao pensamento de Gregor Samsa “O que aconteceu comigo?”, com base em nossa leitura, no momento em que Gregor Samsa desperta, ele está desembarcando de uma viagem da qual não estava ciente que estava realizando, situação em que foi “empurrado”, um deslocamento inesperado, se ele realizaria outra viagem, se ele retornaria ao ponto de partida, não sabemos e não saberemos, infelizmente, Gregor Samsa sofreu vítima da pedagogia reguladora e violenta da hegemonia que pune à todos os que destoam.

Referências

ANDERS. Günther. *Kafka: Pró e Contra*. Trad. Modesto Carone. - São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1969.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Paisagens Biográficas Pós-Coloniais: Retratos da Cultura Local Sul-Mato-Grossense*. – Campo Grande, MS: Life Editora, 2018.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução e posfácio por Modesto Carone. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KAFKA, Franz. *Essencial Franz Kafka*. Trad. Modesto Carone. - São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*.- 3. ed. ver. Amp.; 1. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. – (argos)

MAIA, Dhiego. *Há 30 anos OMS tirou homossexualidade de catálogo de distúrbios*. Folha de São Paulo, 2020. <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/ha-30-anos-oms-tirou-homossexualidade-de-catalogo-de-disturbios.shtml>> Acesso em: 16/08/2020 às 16:58.

MAIA, Dhiego. *Ser gay deixou de ser 'doença' há 28 anos; beijaço lembra a data*. Folha de São Paulo, 2018. <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/ser-gay-deixou-de-ser-doenca-ha-28-anos-beijaco-lembra-a-data.shtml>> Acesso em: 16/08/2020 às 16:58.

NOLASCO, Edgar Cézar. *PARA ONDE DEVEM VOAR OS PÁSSAROS* depois do último céu?. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 8, n. 17, p. 35 – 51, set./dez. 2016.

NOLASCO, Edgar Cézar. *PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM* da crítica *FRONTERIZA*. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 4, n. 7, p. 60– 72, jan./jun. 2012.

NOLASCO, Edgar Cézar. *CRÍTICA BIOGRÁFICA* fronteiriça (BRASIL\PARAGUAI\BOLÍVIA). Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 7, p. 55-76, ago./dez. 2015.

NOLASCO, Edgar Cézar. *POLÍTICAS DA CRÍTICA* biográfica. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 2, n. 4, p. 35 – 50, jul./dez. 2010.

NOLASCO, Edgar Cézar. *POR UMA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DA FRONTEIRA-SUL: exterioridades*. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 9 – 29, jan./jun. 2019.

NOLASCO, Edgar Cézar; NORONHA, Marina Maura de Oliveira. *CORPO EPISTÊMICO NA/DA FRONTEIRA DA EXTERIORIDADE* – biografias (des)iguais sociais. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 2, p. 25-34, jul./dez. 2019.

PUTTI, Alexandre. *Um LGBT é agredido no Brasil a cada hora, revelam dados do SUS*. Carta Capital, 2020 <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/um-lgbt-e-agredido-no-brasil-a-cada-hora-revelam-dados-do-sus/>> Acesso em 13/10/2020 às 15:20.